

substituindo as boas merendas, dos pardais importados afugentando os pássaros nacionais, de gente sofisticada, cheia de vícios elegantes, desprezando as domésticas virtudes dos velhos cariocas. (...) ... conservou todos os defeitos incutidos pelo hábito do jornalismo — estilo enfeitado, desejo de armar efeitos, superficialidade de visão — sem revelar nenhuma qualidade nova. (...) Se logrou, com isso, fama de escritor, só pode ser porque traduziu de algum modo o espírito dominante do momento, o espírito da geração do 'Rio civiliza-se', e é sobretudo como representante desse espírito que merece figurar na história literária”(285).

Gilberto Amado lhe traçou o perfil, em algumas pinceladas coloridas: “Volumoso, beijudo, muito moreno, liso de pêlo, Paulo Barreto falava, e Cândido Campos, muito mais moço, um adolescente quase, branquíssimo, a fronte larga, ria às soltas, com os olhos presos nos do escritor. (...) Paulo achava-se no apogeu do triunfo jornalístico e literário. As maldades que contra ele iriam acumular-se em campanhas destinadas a reduzir e a estralhar não só o escritor como o homem, não haviam ainda começado na imprensa. Mantinham-se no morcegar dos cochichos e no zumzum dos cafés, ao largo dos quais passava, insolente de boa fé, totalmente desarmado para nossas lutas, o potente renovador do modo de escrever em jornal e dos meios de comunicação do escritor com o público. As afetações, a pacholice de Paulo Barreto, tão naturais, me faziam rir. Não passavam, como verifiquei na convivência que se seguiu ao nosso encontro, de histriônicas de artista que se exhibe para receber aplausos: resultavam da sua genuinidade e da sua ingenuidade. Inapto a compreendê-la, a maldade humana o surpreendia como um fenômeno absurdo. Não lhe entrava na cachola que se pudesse ser mau”(286). Por esse tempo — Gilberto Amado evoca o ano de 1910 — Paulo Barreto estava, realmente, no apogeu, e foi apogeu longo o seu: *As Religiões do Rio* atingia a oitava edição; *A Alma Encantadora das Ruas*, a terceira; *O Momento Literário* era sucesso; falava-se muito do *Jornal de Verão*, das *Crônicas Cariocas*, do *Dentro da Noite*; esperava-se com ansiedade a *Vida Vertiginosa*. Membro da Academia, lido, admirado, Paulo Barreto preocupava-se apenas em administrar essa glória. E há poucos exemplos, mesmo num país de glórias efêmeras como o nosso, nessa época, de sucesso tão transitório, apesar de tão brilhante. Como todos os que colocam as suas energias mais na vida literária do que na obra literária, Paulo Barreto brilhou e passou — apagou-se depressa. Fora os exageros devidos à amizade, no que toca às qualidades de Paulo Barreto,

(285) Lúcia Miguel Pereira: op. cit., págs. 275 e 277.

(286) Gilberto Amado: op. cit., págs. 59/60.